



O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais

Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém

MEMÓRIAS DA DANÇA EM ALTAMIRA: O SURGIMENTO DO GRUPO PARAFOLCLÓRICO BEIJA FLOR

Bruna da Silva Marim
Cleiton Santos Ferreira
Edlane Barradas Martins
Layana Gisella Alves Rodrigues
Marinalva Rafael Barbosa
Acadêmicos do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física
Emerson Araujo de Campos
Esp. Em Lazer
Universidade do Estado do Pará
GTT 7- Memórias da Educação Física e Esporte

RESUMO

O estudo trata da história oral sobre o Grupo Parafolclórico Beija Flor, usando esta como base metodológica. A coleta de dados foi feita com o fundador e atual presidente e com uma das componentes e esposa do coreógrafo do Grupo. As entrevistas tiveram a finalidade de conhecer o ambiente e convívio do grupo, no que tange às suas vivências, dificuldades, progressos, alegrias, idéias, entre outros, mostrando o desenvolvimento da dança em Altamira.

INTRODUÇÃO

O projeto intitulado *Memórias da Dança em Altamira: O Surgimento do Grupo Parafolclórico Beija Flor* (a partir de 1998), pretende pesquisar, indagar e preservar a memória de um passado recente. Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser compartilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento.

Para Halbwachs (1990) aponta que a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se, já bem alterada. Ou seja, as lembranças não vivem no passado, ao contrário, precisam de um tempo presente de onde sejam projetadas e ancoradas por um sentido.

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. (THOMPSON, 1992, pag. 44)

A história oral é um procedimento válido de investigação no trabalho do historiador e, num sentido secundário, das formas de historiografia criadas por esta

investigação. História oral são memórias e recordações de gente viva sobre seu passado. (SITTON, 1989 pag.12).

O trabalho está organizado como uma ação interdisciplinar na qual a história oral, por meio da “escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (THOMPSON, 1992, pag. 02).

Uma referência norteadora nesse projeto é a convicção de que preservar a memória e escutar o passado é uma forma de refletir o presente, buscando compreendê-lo nas tensões e contradições que o constituíram. Como afirma Walter Benjamin (1994, pag. 02), é necessário “escovar a história a contrapelo”, de modo a fazer falar aquelas vozes adormecidas ou silenciadas pelo tempo, permitindo assim que novas versões do passado venham apresentar suas justificativas.

Nesse contexto, para esta pesquisa iniciamos o levantamento de fontes documentais que indicassem a história da dança no Município de Altamira. O acervo do Grupo foi escolhido como referência, mas outras fontes foram também utilizadas, os quais nos remetem aos sujeitos, aos fatos e também às lacunas que acenam e ajudam a trilhar possibilidades de investigação.

Nosso estudo atinge a temática da Dança e, de modo mais específico, a memória oral do Grupo Parafolclórico Beija Flor, com foco dirigido aos praticantes e organizadores deste.

METODOLOGIA

A metodologia empregada nesta pesquisa seguiu na coleta de dados orais com os fundadores e algum componente do Grupo Parafolclórico Beija Flor, do município de Altamira no Estado Pará, pois este é um dos grupos mais antigos e influentes deste Município.

Os depoimentos orais foram conseguidos através de entrevistas, com a finalidade de obter dados da história do grupo, com utilização de gravações, filmagens e recursos audiovisuais. Com a orientação do docente da disciplina Fundamentos Históricos na Educação Física & Esporte e Lazer, o qual proveu o apoio necessário para o direcionamento da pesquisa, quanto às demandas para arrecadar informações junto aos entrevistados, visando à necessidade imperiosa dos entrevistadores em compreender as informações durante o processo de coleta, pois colher uma história não é somente gravar e registrar as entrevistas e os depoimentos, mas sim organizar, analisar e principalmente compreender o objeto de referências.

Foram realizados encontros com pessoas que participaram da fundação do grupo no ano de 1998. Os entrevistados foram dois componentes do grupo, o Presidente e uma das Coreógrafas, estes forneceram todas as informações necessárias para a elaboração da pesquisa.

Partimos da compreensão de entrevista apontada por Lakatos (2007), que a define como um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um problema social.

Para Lakatos (2007), a entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das Ciências Sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras.

Nessa perspectiva, adotamos a História Oral como recurso para a compreensão e análise do objeto investigado, por que permite o diálogo entre diversas áreas no campo das ciências humanas, constituindo um esforço interdisciplinar (Camargo, 1989) de investigação.

Os textos trabalhados apontam a história oral como um “lugar de encontro de várias disciplinas” (PEREIRA, 2000, pag. 02), de diálogo entre história, sociologia, antropologia e educação, entre outras. É interessante observar que, no contexto das pesquisas no campo das Ciências Humanas, a articulação da educação com a história oral só mais recentemente tem sido trabalhada. Oliveira (2004, pag. 02), em artigo sobre pesquisa realizada no âmbito da relação memória, conhecimento e identidades, chama a atenção para este aspecto, indicando que “... a participação da educação ainda é tímida e pouco freqüente, tendo no evento de “oralistas” uma inserção maior de historiadores, antropólogos, geógrafos, sociólogos.”

A história oral é um procedimento válido de investigação no trabalho do historiador e, num sentido secundário, das formas de historiografia criadas por esta investigação. História oral são memórias e recordações de gente viva sobre seu passado. (SITTON, 1989, pag.12).

No momento em que uma pessoa conta a sua história, cria-se um vínculo entre entrevistado e interlocutor, pois existe uma troca de impressões sobre o que ocorre ao seu redor, esta ocasião é oportuna para organizar as lembranças, pois essas lembranças instigam a fantasia e a nostalgia. Neste ato o interlocutor se transfere para o tempo atual da história contada, posto que o entrevistado transcreva para o seu relato toda emoção vivida na época. Por isso, a utilização da história oral, pois se pretende desvendar e apresentar dados antes não registrados.

DESENVOLVIMENTO

Iniciamos a coleta de dados para compor nossa pesquisa, a princípio com uma visita *in lócus*, na sede do Grupo Para folclórico Beija Flor, conversamos com o atual presidente e uma das componentes e esposa do coreógrafo, os quais cederam informações e materiais documentais – a de se ressaltar que boa parte dos materiais cedidos está no formato de VHS - a respeito da fundação e desenvolvimento do Grupo ao longo dos anos, no município de Altamira-PA.

O Senhor Antonio Francisco Miranda da Silva (presidente – Grupo Parafolclórico Beija Flor), para nos relatar a história do Grupo contou primeiro um pouco de suas vivências. No ano de 1991 fazia parte do Grupo Nova Geração, inclusive com um papel de destaque, pois era o coreógrafo. Ocorre que por uma divergência de idéias achou por bem no ano de 1997 deixá-lo, apesar de estar neste há sete anos. Acontece que o seu amor pela dança era tão imenso que neste mesmo ano, reuniu-se com familiares: sua mãe a senhora Chagas – grande incentivadora – seus irmãos Domingos, Adriano, Antonio (Toim) e, Jocikelly (sobrinha) e amigos próximos: Douglas, David, Laura e a Kelly – esta última já foi a óbito por complicações no parto. Surgia então no dia 03 de abril de 1998 um novo Grupo de Dança Parafolclórica em Altamira.

Segundo o presidente uma das tarefas mais difíceis foi à escolha do nome a ser intitulada essa nova criação. Diversos nomes foram cogitados, dentre eles: Rosa de Ouro, Unidos do Independente e Beija-Flor, através de votação entre os idealizadores e integrantes este último foi o escolhido, tornando-se então o Grupo Para Folclórico Beija Flor. Ressaltando que vários dos componentes da Nova Geração adotaram os conceitos do senhor Francisco e migraram para o Grupo recém criado.

Após sua formação, inúmeras foram às dificuldades enfrentadas, uma delas era a precariedade de um local adequado para a realização dos ensaios, ao observar as dificuldades o senhor Raimundo Nonato (irmão de Francisco), cedeu um espaço nos fundos de sua residência, porém estava cheio de mato e entulhos, os componentes se reunirão em sistema de mutirão, com intuito de realizar a limpeza do local, sucede que estava localizado em uma área baixa da cidade e no período chuvoso sofria constantes alagamentos, havendo a necessidade

de aguardar as águas baixarem e o terreno secar para assim continuarem os ensaios, em inúmeras situações estavam no meio do ensaio e eram surpreendidos com a elevação das águas.

Apesar dos problemas tiveram incentivos de algumas pessoas, uma delas o senhor Euclides Coelho Filho – presidente do bairro Jardim Independente II – simpatizante do trabalho efetivado pelo grupo, o qual doava brindes para que rifas fossem realizadas em prol de angariar fundos, além de ajudar na divulgação dos eventos realizados por eles.

Segundo o presidente, nos primeiros anos de formação, não tinham nenhum apoio financeiro e para poderem adquirir seus trajes e indumentárias era a mãe de Francisco quem abria créditos em seu nome nas lojas para comprar a prazo todo o material necessário. No entanto, existia outro detalhe, após a compra do material era indispensável confeccionar os trajes. Costureiras amigas dos componentes faziam todo o trabalho com a expectativa de receber posteriormente, durante o mês junino realizavam eventos para arrecadar recursos e então efetuar os pagamentos das dívidas adquiridas.

Vencidos os obstáculos de início, participaram pela primeira vez de um concurso, denominado Arraial Xingu, o mesmo foi idealizado pelos dirigentes do Grupo de Telecomunicação da Rádio e TV Vale do Xingu e realizado em frente desta, localizada na Rua Primeiro de Janeiro, entre a Rua Lindolfo Aranha e Travessa Comandante Castilho.

No ano subsequente, pelo fato do grupo ainda não ser conhecido, houve a necessidade de confeccionar convites para recrutar novos componentes, mas poucos se mostraram interessados, surgiu então a idéia de que cada componente remanescente seria responsável por chamar pelo menos mais um novo participante. A confraria continuou a lutar por melhoras, principalmente na divulgação de seu nome, posto que um bom desempenho no concurso causava grande repercussão na mídia, uma vez que este era transmitido ao vivo, pela emissora promotora do evento.

Quanto às apresentações, havia uma mistura de músicas e ritmos, tendo em vista que Altamira possui uma grande miscigenação cultural, e estas eram voltadas para a quadra junina.

No ano de 2000, o concurso Arraial do Xingu não foi realizado, mas mesmo assim se prepararam para a quadra junina, fazendo suas apresentações em festas comunitárias, arraiais, clubes e municípios circunvizinhos.

Grandes mudanças assolaram o grupo no ano de 2001, quando o presidente por motivos pessoais, teve a necessidade de se ausentar do município, dirigindo-se ao Nordeste do país, deixando o Grupo na responsabilidade dos senhores Douglas e David, mesmo distante, o senhor Francisco, permanecia com grande afeto pelo Grupo, mantendo contato constante para averiguar o andamento dos trabalhos, qual foi sua surpresa quando em um dos contatos foi informado de que nada estava sendo feito, chegando ao ponto da quase dissolução deste. A partir de então, viu-se obrigado a tomar uma séria decisão, após analisar os prós e os contra resolveu deixar seu emprego e retornar à Altamira, para novamente assumir a direção do Grupo. Em maio de 2001, já havia remontado toda a estrutura dantes, estando preparado para participar mais uma vez do concurso Arraial Xingu.

Neste mesmo ano apresentaram-se também em um evento realizado pela Associação dos Artistas de Altamira que ofereciam a oportunidade de grupos presentes no município mostrarem seu trabalho, este ocorria no mês de julho, sendo promovido na Avenida João Pessoa - orla do cais -, evento este que contava com grande participação da população, e tinha como principal objetivo divulgar a miscigenação da cultura existente na cidade.

Surgiram perspectivas de melhoras, pois havia promessas de que seria criado um grande festival de dança. Com base nessa idéia, os grupos já existentes no município, se organizaram criando uma agremiação para lutar pelos direitos do coletivo, montaram então a

Associação dos Grupos Folclóricos de Altamira (AGFAL), esta teve papel importante na captação de recursos, junto à sociedade civil e poder público.

O que era promessa até então, tornou-se concreto, inovações foram incorporadas. Em 2002 foi realizado no Ginásio Poliesportivo do Bairro de Brasília o 1º Festival Folclórico de Altamira, idealizado pela Secretaria de Cultura do Município, os grupos precisaram efetuar adequações no que tange às apresentações, pois este possuía regras específicas, as quais todos eram submetidos: alinhamento, sincronia, harmonia, conjunto, traje e tempo.

Baseando-se na diversidade da cultura regional o grupo permaneceu nos anos de 2003 e 2004, explorando as miscigenações musicais e ritmos. Suas apresentações vêm evoluindo gradativamente aumentando seu conceito e reconhecimento junto à sociedade local.

No ano de 2005, o presidente da Beija flor, propôs em assembléia juntamente com os demais grupos, na AGFAL que as apresentações fossem feitas explorando temas durante sua evolução. A sugestão foi votada e aprovada, sendo levada pelo presidente da associação aos idealizadores do evento, que prontamente acatou a sugestão, integrando o aspecto Tema a um dos requisitos de avaliação. Sendo que o grupo pesquisado desde a origem de sua trajetória buscava utilizar temas para melhor condução das apresentações, ou seja, para ter um foco, para que estas não ficassem de forma aleatória. No mesmo ano eles abordaram o tema “Boizinho” conquistando o 2º lugar, consistindo até então na melhor colocação alcançada.

Com novas regras, agora todos deveriam adequar-se e formar apresentações com um Tema específico. Em 2006 o Beija Flor abordou o tema “Boto Cor de Rosa - a lenda da sedução do boto”, esforços que renderam um 4º lugar. Em 2007 abordando o tema: “Amazonas Reino Encantado - a lenda da Ipuipiára” que conta a história da rainha das águas, sagrando-se 4º colocado.

A preocupação do Grupo em contar histórias que levem os expectadores a viajar nos conhecimentos e acontecimentos da nossa região, em 2008 explorou um tema que teve grande repercussão mundial, utilizou-se do fato recente ocorrido no município de Anapu cidade circunvizinha, apresentou o tema “Transamazônica Terra de Heróis” homenageando a irmã Dorothy, ficando em 3º lugar.

Abordando o tema “Pará-Amazonas” contou a lenda da cobra grande, a lenda do curandeiro, e retratou os jogos indígenas e a rainha do artesanato, conseguiu obter, no ano de 2009, o 4º lugar.

No ano de 2010 apresentou-se com 60 componentes e explorou o tema “Amazônia Pátria Cabocla”, o grupo Beija Flor veio trazendo em sua evolução um pouco da história Amazônia, mitos e lendas em danças teatrais e como destaque trás a lenda do boto festa originária de Alter-do-Chão em Santarém. Além de mostrar alguns itens importantes do contexto da festa como: a rainha do artesanato representando nativos da Amazônia, o curandeiro fazendo oferendas para mãe da terra, mãe d'água e também a cabocla Borarí a moça mais bonita da tribo que encanta com sua beleza dando brilho a festa, sangrando-se como 5º colocado.

Segundo o presidente ao longo de 12 anos de trajetória o Grupo foi e é marcado por grandes dificuldades, mas a perseverança e principalmente o amor pela dança e pela cultura regional é maior que qualquer obstáculo encontrado em sua caminhada. A de se ressaltar que para fazer parte do grupo é necessário adequar-se as regras criadas pelos dirigentes, as quais rezam que para compor o grupo precisa ter mais de 13 anos, além da autorização dos pais e perante o conselho tutelar, frequentar o ambiente escolar regularmente, não fumar no local de ensaio, não consumir bebidas alcoólicas.

A história de vida e os depoimentos recolhidos serviram para retirar das sombras e dar voz a um segmento social que, embora faça parte da história, estiveram dela excluídos por muitos anos.

CONCLUSÃO

O trabalho com a história oral envolve a construção coletiva de novas competências para o grupo de trabalho. No que diz respeito ao acervo do Grupo Para Folclórico Beija Flor, parte do material de mídia foi restaurado, fotos digitalizadas, os depoimentos registrados em áudio que farão parte de um acervo pessoal da equipe que servirá como memória da pesquisa. Reconhecer e legitimar a oralidade como documento de memória constitui estratégia fundamental para a realização de uma história.

Com a história oral do grupo observamos que este não existe apenas para a dança, pois os componentes convivem diariamente por cerca de 06 (seis) meses por ano, para um resultado final a contendo são necessários dias e dias de ensaios, que em consequência os componentes acabam por criar um vínculo afetivo, posto que na residência do presidente que é utilizada para realização dos ensaios, acaba também sendo usada para comemorações, como a do dia das mães, dia dos pais, aniversário de criação do grupo, aniversário dos participantes, entre outras mais.

As entrevistas realizadas foram muito importantes, pois determinaram a mudança no pensar e abriram um novo olhar que protagonizou um período, uma época, as dores e os amores de enfrentar o “universo da dança”. Suas experiências são ricas e sinceras, vozes que precisam ser ouvidas. Fomos inundados com entusiasmo, força e também com os problemas em divulgar a dança no município, mas também foram feitas inúmeras reflexões.

Estas reflexões nos trouxeram novos olhares e perspectivas para a dança criada na comunidade, e refeita em condições adversas, que caminham entre a alegria, o pouco investimento, e a vontade de pessoas em construir práticas educativas no campo da cultura e do lazer. Esses dados nos colocaram novos desafios, como o de continuar a registrar as memórias da dança em Altamira, em especial dos Grupos nascidos nas comunidades.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **In:** Obras escolhidas. Brasiliense, 1994.

CAMARGO, A. **Quinze anos de história oral:** documentação e metodologia. FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** Atlas, 2007.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Diálogos entre história oral e educação:** memória, conhecimento e identidades. In: XII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2004, Curitiba. Conhecimento Local e Conhecimento Universal. Curitiba: PUC/PR.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias.** In: Revista Brasileira de História Oral nº 03, junho de 2000.

SITTON, 1989. **In:** ALVITO, Marcos. História oral. Disponível em <http://www.opandeiro.net/cursos/apostilas/historia_oral/definições_hist_oral.pdf> acessado no dia 08/11/2010, as 10:55 horas.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral.** Paz e Terra, 1992.

E-mail: bruna.marim@hotmail.com

E-mail: cleitonsocorro@yahoo.com

E-mail: lanny-barradas@hotmail.com

E-mail: emerson_campus@hotmail.com

E-mail: layana-gisella@hotmail.com

E-mail: marynalvabarbosa@hotmail.com